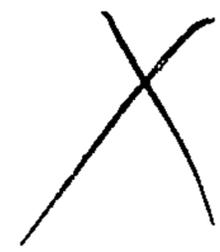


PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP



Nº. de referência: 1

Título: "A SOMBRA DA RAVINA"

Título da Série: JUVENIL TEATRO

Autor (obra original): SYNGE

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: MARIA JULIA

Data de produção: 19/2/1975

Data de Emissão: 26/2/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
PEDRO LEMOS	DANIELE BURKE
GARTEM DOLORES	NORA BURKE
JOÃO LOURENÇO	MIGUEL DARA
RUI DE CARVALHO	VAGABUNDO

Estado de conservação: Bom

Razoável

Mau

Tipo de Suporte:

Original

Cópia

Registo Sonoro: Sim

Não

Nº do Registo Sonoro:

Alpeis

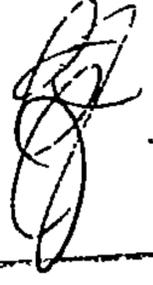
(V.S.F.F.)



Notas:

- DIR ARTÍSTICA - PAULO RENATO

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PRCC	100
DATA LE	19 FEV 1973
MINI - TEATRO	
ACRIV	2612/75
h	10:00
<u>"A SOMBRA DA RAVINA"</u>	
DE UNAS 0	
PROGRATA	16
DE	3/3/75
	13-30 HORAS
VISTO	
	

Da autoria de
SYNGE

PERSONAGENS:

DANIEL BURKE - Velho pastor
NORA BURKE - Mulher de Dan Burke
MIGUEL DARA - Jovem pastor
UM VAGABUNDO.

//

J. MILLINGTON SINGE

Escritor de origem irlandesa, nasceu no ano de 1871 e faleceu em 1909.

As suas obras são as seguintes: "O Valentão do Mundo Ocidental"

"The Well of the Saints"; "Riders of the Sea"; "The Tinker's Wedding"; "A SOMBRA DA RAVINA"; "Deirdre of the Sorrows".

Devido à sua morte prematura, não terminou esta última peça.

(A ACCÇÃO PASSA-SE NA ÚLTIMA CHOUPANA, NO EXTREMO DUMA LONGA RAVINA, NO CONDADO DE WICKLOW.

A COZINHA DUMA CHOUPANA. À DIRTITA; UMA LAREIRA ONDE ARDE UM FOGO DE TURFA; AO LADO; ENCOSTADA À PAREDE, UMA CAMA NA QUAL ESTÁ ESTENDIDO UM CORPO, COBERTO COM UM LENÇOL. NA OUTRA EXTREMIDADE DA QUADRA, UMA PORTA; AO LADO DESTA PORTA, UMA MESA BAIXA COM ALGUNS BANCOS (OU CADEIRAS DE PAU), NA MESA; DOIS COPOS E UMA GARRAFA DE WHISKY, COMO PARA UM VELÓRIO; DUAS CHÁVULNAS, UMA CHALEIRA E BOLO CASEIRO. UMA PORTA PEQUENA, PERTO DA CAMA.

NORA BURKE VAI E VEM PELA CASA, AHRUMA AQUI E ALEM, ACENDE VELAS QUE PÕE NA MESA. DEITA, DE QUANDO EM QUANDO, OLHARES INQUIETOS PARA A CAMA. DE CIMA DA MESA TIRA UMA MEIA COM DINHEIRO E METE-A NA ALGIBEIRA. EM SEGUIDA ABRE A PORTA.)

(VAGABUNDO) (DO LADO DE FORA) - Boa noite, patroa.

NORA - Boa noite também para si, estrangeiro. Está muito mau tempo - louvado seja Deus!, para andar fora de casa com esta chuva, ..

VAGAB. - Tem razão; e eu que venho da feira de Aughrim e sigo para Brittas!

NORA - A pé, estrangeiro?

VAGAB. - Sobre estas duas, patroa; por isso, quando lá em baixo vi a sua luz, pensei que talvez houvesse uma pinga de leite fresco e um canto sossegado e decente aonde dormir.

(OLHA PARA TRÁS DELA E DÓ COM O MORTO)

- Valha-nos Nossa Senhora!

NORA - Não faça caso, homem de Deus; entre e aqueça-se ao lume.

VAGAB. - (ENTRANDO LENTAMENTE E CAMINHANDO PARA O LEITO) Ele está morto?

NORA - Sim, estrangeiro; acaba de me pregar a partida de morrer - Deus lhe perdoe. E agora para aqui estou, como umas cem ovelhas nos montes e sem turfa para o inverno.

VAGAB. - (EXAMINANDO O DEFUNTO COM ATENÇÃO) Para morto tem um ar - bastante esquisito.

NORA - (COM UMA PONTINHA DE MALÍCIA) Esquisito foi ele sempre, estrangeiro. E tenho cá para mim que os homens que são esquisitos em vida, esquisitos continuam depois da morte...

VAG.- O que é estranho é que vocecemê o tenha deixado ficar assim, sem o vestir nem estender como é costume...

NORA (APROXIMANDO-SE DO LEITO) Tive medo, estrangeiro; porque esta manhã, ameaçou-me com uma praga terrível se eu lhe mexesse, no caso de ele morrer de repente, ou se deixasse mexer-lhe fosse quem fosse, a não ser a irmã que vive a duas boas léguas daqui, na grande ravina do outro lado do monte.

VAG.- (OLHANDO-A E ACENANDO LENTAMENTE COM A CABEÇA) É estranho não querer que a própria mulher lhe toque, ele que morreu tão descansado na cama...

NORA - Era velho e maniente, estrangeiro; passava todo o tempo nos montes, a cismar, no meio do nevoeiro cerrado...

(ERGUE UMA PONTA DO LENÇOL)

Apalpe-o vocecemê, e diga-me se ele está frio.

VAG.- Quer então que a praga me caia em cima, patroa? Eu não era capaz de lhe pôr as mãos ainda que me oferecessem o lago Nahanagan cheio de ciro.

NORA- Pode bem ser que num homem como ele nem mesmo o frio provasse que está morto; porque frio foi-o ele sempre, todos os dias, desde que o conheci... e todas as noites, estrangeiro

(TORNA A COBRIR A CARA DE DAN E AFASTA-SE DO LEITO)

Mas, apesar disso, julgo que está bem morto porque se queixava já há alguns dias de uma dor no coração e, esta manhã, no momento em que ia para Brittas, onde contava passar três ou quatro dias, deu-lhe uma pontada muito forte. Meteu-se então na cama, dizendo que lhe estavam a faltar as forças, quando a sombra subia a ravina. E mal o sol se pôs para lá da turfeira, deu um forte sacão para a frente, soltou um grande grito e esticou como um carneiro ao morrer...

VAG.- (BENZENDO-SE) Deus o tenho em descanso!

NORA - (DEITANDO-LHE UM COPO DE WHISKY) Ora aqui tem o que lhe vai saber melhor que o leite da melhor vaca do condado de Wicklow.

VAG.- Deus-Todo-Poderoso lho pague! À sua saúde.
(BEBE)

NORA- (DANDO-LHE TABACO E UM CACHIMBO) Só tenho os cachimbos que eram dele, estrangeiro; mas estão bem queimados.

VAG.- Mais uma vez, obrigado, patroa.

NORA- Sente-se, estrangeiro, e descanse.

VAG. - (ENCHENDO O CACHIMBO E OLHANDO EM REDOR DA CASA) Tenho andado muito bem mundo, patroa, e visto coisas maravilhosas; mas até o dia de hoje nunca tinha visto velar um morto com bebidas finas, bom tabaco e cachimbos dos melhores, sem haver ninguém para gozar tudo isto a não ser uma mulher...

NORA - Vocemecê não me ouviu dizer há pouco que ele acabou justamente de morrer ao pôr-do-sol? Como podia eu ir à ravina prevenir os vizinhos, só como estava nesta casa tão distante?

VAG. - (BEBENDO) Desculpe, patroa.

NORA - Está desculpado, estrangeiro. Como podia um homem como vocemecê, que chegava na noite negra, saber que eu me sentia só, longe de qualquer outra casa?

VAG. - (SENTANDO-SE) Sim, eu bem o sabia.

(ACENDE O CACHIMBO, CUJO VIVO CLARÃO LHE ILUMINA A PARTE INFERIOR DA CARA RUDE)

E pensava, quando entrei a porta, que muitas mulheres teriam medo de um rapagão como eu, na noite escura, ainda que fosse num lugar menos solitário do que este, onde não há duas almas viventes que vejam a luzinha que brilha por detrás da sua janela.

NORA - (LENTAMENTE) Parece-me que algumas teriam medo; mas eu, eu nunca soube o que fosse ter medo de mendigos, de bispos, ou de qualquer outro homem...

(OIHA PARA O LADO DA JANELA E BAIXA A VOZ)

Quem mete medo às pessoas, estrangeiro, não são os homens decididos como vocemecê.

VAG. - (OIHANDO EM REDOR E ARRIPIANDO-SE UM POUCO) Certamente. Deus nos guarde a todos!

NORA - (OLHANDO-O UM MOMENTO, COM CURIOSIDADE) Vocemecê diz isso, estrangeiro, como se pouco lhe faltasse para ter medo.

VAG. - (EM TOM LUGUBRE) A mim, patroa? A mim, que caminho por aí além durante noites que nunca mais acabam, que subo às colinas no meio do nevoeiro, quando o galho mais fino parece da grossura do seu braço, um coelho é tão grande como um cavalo baio, e um monte de turfa parece tão alto como o campanário de uma igreja de Dublin? Se pouca coisa bastasse para me meter medo, como vocemecê diz, afianço-lhe que há muito tempo eu já estaria no hospital de doentes de Richmond - ou então teria abalado para os confins das colinas, única-

mente com uma velha camisa no corpo, e talvez estivesse a esta hora a servir de ceia aos corvos, como o ano passado aconteceu a Patch Darcy - Deus tenha a sua alma em descanso!

NORA- (INTERESSADA) Vocemecê conheceu Darcy?

VAG.- Ou não fosse eu a última pessoa que lhe ouviu a voz.

NORA- Contaram-se muitas histórias sobre o que se passou naquela altura; mas quem pode dar fé ao que se diz na ravina?

VAG.- Não eram mentiras, patroa... Uma noite, negra como esta, passava eu lá em baixo; as ovelhas, deitadas de encontro à crista do valado, tossiam e ofegavam como velhos, por causa da chuva e do nevoeiro... Foi então que ouvi uma voz que falava - ela dizia coisas tão estranhas que vocemecê só as poderia imaginar em sonhos: "Deus de misericórdia - disse eu para comigo - se me ponho a ouvir vozes como esta no meio da névoa cerrada é porque chegou, com certeza, a minha última hora". Corri, então, corri até Rathvanna, no fundo das colinas. Embebedei-me nessa noite, embebedei-me na manhã seguinte e ainda no outro dia - estava a refazer-me das correrias em que tinha andado; no terceiro dia encontraram Darcy... Só então compreendi que era ele quem eu tinha ouvido, e perdi o medo...

NORA- (COM UMA VOZ TRISTE E LENTA) Deus o tenha em descanso!... Nunca descia nem subia que não entrasse um instante; depois faltou durante muito tempo...

(DESTA UMA OLHADELA PARA O LEITO E BAIXA A VOZ, FALANDO MUITO LENTAMENTE): até que acabei por tornar-me feliz - se alguma vez se pode ser feliz, estrangeiro - por me ter habituado à solidão.

(UM CURTO SILÊNCIO. DEPOIS LEVANTA-SE)

Havia alguém nesta parte da estrada quando vocemecê vinha de Aughrim?

VAG.- Encontrei um rapaz com um rebanho de ovelhas; ia-as guiando, ora de um lado, ora do outro, pelo caminho fora.

NORA - (COM UM LEVE SORRISO) Longe daqui, estrangeiro?

VAG- - Não, senhora - a pouquinho distância.

(NORA ENCHE UMA CAFETEIRA E POE-NA AO LUME).

NORA- Como vocemecê não é medroso, talvez se não importe de ficar aqui só com ele um instantinho.

VAG.- Está muito bem. Um morto não pode fazer mal.

NORA - (FALANDO POUCO À VONTADE) Eu vou ali atrás, pertinho daqui, estrangeiro; o meu homem, de tempos a tempos, ia lá de noite assobiar: o rapaz que vocemecê viu - um camponês acabado de chegar da costa, que arranjou uma choupana na outra vertente - vinha então até cá, saber se nós tínhamos precisão de alguma coisa, e eu tenho necessidade dele esta noite para que desça à ravina, ao romper do dia, a dizer às pessoas que o meu homem morreu.

VAG.- (OLHANDO O CORPO COBERTO COM UM LENÇOL) Quem vai procurá-lo sou eu, patroa; vocemecê podia morrer se saísse, a chover como está.

NORA - Você não dava com o caminho, estrangeiro: só há um carreirito entre dois relheiros, tão fundos que neles se podiam afogar um burro com a carroça.

(PÕE UM LENÇO PELA CABEÇA)

Fique à sua vontade, e reze uma oração pelo descanso da alma dele. Eu não me demoro nada.

VAG.- (AGITANDO-SE, COM UM CERTO MAL-ESTAR) Se a patroa tivesse um pouco de linha cinzenta e uma agulha (uma agulha será de bom auxílio, patroa) eu aproveitava para ir dando um pontinho, aqui e ali, neste meu velho casaco, e rezando ao mesmo tempo pelo descanso da alma do falecido, no instante em que ela vai subir, limpa de mancha, para junto dos santos do Paraíso.

NORA.- (DANDO-LHE LINHA E UMA AGULHA, QUE TINHA PREGADA NO CORPETE) Aqui tem a agulha, estrangeiro; e parece-me que se não irá sentir muito só, habituado como está a viver no fundo das colinas. Sempre se está mais acompanhado com um morto do que sentado, sozinho, a escutar as queixas do vento, sem saber onde fixar os pensamentos.

VAG.- (LENTAMENTE) Tem toda a razão. O Senhor tenha piedade de nós!

(NORA SAI. O VAGABUNDO COMEÇA A COSER UMA PONTA DO CASACO, RECITANDO O "DE PROFUNDIS" EM VOZ BAIXA. REPENTINAMENTE O LENÇOL É AFASTADO DEVAGAR E DAN BURKE DEITA UMA OLHADELA. O VAGABUNDO AGITA-SE POUCO À VONTADE, DEPOIS ERGUE OS OLHOS E PÕE-SE DE SÚBITO DE PÉ, COM UM MOVIMENTO DE TERROR.)

DAN - (COM VOZ ROUCA) Não tenha medo, estrangeiro. Um morto não pode fazer mal.

VAG.- (A TREMER) Eu não pensava em nenhum mal, Excelência. E...

não quereis deixar-me dizer tranquilamente uma oraçõzinha pelo descanso da vossa alma?

(OUVE-SE, FORA, UM ASSOBIÓ PROLONGADO)

DAN- (ERGUENDO-SE NA CAMA; COM VOZ FURIOSA) Ah, que a leve o diabo!... Você ouviu, estrangeiro? Já viu você alguma vez uma mulher que soubesse assciar desta maneira, com dois dedos na boca?

(OLHA RÁPIDAMENTE PARA A MESA)

Tenho a garganta tão seca que já não aguento mais; depressa, dê-me uma gota antes que a patroa torne a entrar.

VAG- (HESITANTE) O senhor não está, então morto?!

DAN- Como podia eu estar morto, estrangeiro, co'as goelas mais secas do que um osso torrado?

VAG.- (DEITANDO-LHE WHISKY) Que dirá a sua mulher se vier a notar que vocemecê cheira a whisky? Seja como for, não deve ser sem motivo que o senhor finge de morto!

DAN - Não, estrangeiro; mas ela terá todo o cuidado em se não aproximar de mim. E eu também não vou continuar por muito tempo a fazer de morto; já tenho uma dor nas costas, as pernas dormentes, e anda aqui uma mosca danada que não deixa de me fazer cócegas no nariz. Eu estava mesmo mortinho por espirrar quando você dava à língua a propósito da chuva, de Darcy (COM AMARGURA) - que o leve o diabo! - e do campanário da igreja. (COM IMPACIÊNCIA) Dê-me whisky. Ou quer que ela entre por aí dentro antes de eu ter tempo de o provar?

(O VAGABUNDO DÁ-LHE O COPO).

DAN - (DEPOIS DE TER BEBIDO) Agora vá àquele armário e traga-me um pau escuro que lá está atrás, no canto, ao pé da parede.

VAG.- (PEGANDO NO PAU, JUNTO DO ARMÁRIO) É este que Vossa Excelência quer?

DAN- É esse mesmo, estrangeiro. Há muito tempo que eu guardo esse pau, aí escondido, porque tenho uma má mulher.

VAG.- (COM UM OLHAR ESTRANHO) A dona da casa, patrão? Ela que é tão bem falante?!

DAN - Sim; é a dona da casa que é uma mulher má - uma mulher má para um homem velho - e eu torno-me velho, assim Deus me ajude, embora tenha ainda o braço rijo.

(EMPUNHA O CACETE)

Fique vocemecê mais um bocadinho que vai assistir a uma cena de

estalo, entre estas quatro paredes, daqui a duas ou três horas.

(PARA PARA ESCUTAR)

VAG.- (ESCUTANDO) É a voz de alguém que fala no caminho.

DAN - Ponha o cacete junto de mim, na cama, e puxe bem o lençol, tal como estava. (COBRE-SE COM RAPIDEZ). Você sente-se a dormir agora, e finja que não sabe de nada, quanto não ajustaremos contas. Eu não lhe devia ter contado coisa nenhuma, mas já não podia mais co"as goelas tão secas.

VAG- (QUE LHE COBRE A CABEÇA) Não tenha receio, patrão. Que sei eu de si, ou dos seus, para dizer sequer uma palavra ou fazer o menor gesto contra vocemecê.

(VOLTA PARA JUNTO DO LUME, SENTA-SE NUM MOCHO, DE COSTAS PARA A CAMA, E CONTINUA A COSER O CASACO).

DAN- (DEBAIXO DO LENÇOL, EM TOM DE SÚPLICA) Estrangeiro!

VAG- (COM VIVACIDADE) Chuta! Chuta! Esteja quieto digo-lhe eu; eles estão a chegar à porta.

(ENTRA NORA, SEGUIDA DE MIGUEL DARA, UM RAPAGÃO COM AR INOCENTE)

NORA - Afinal não tardei muito, estrangeiro; encontrei este amigo no caminho.

VAG. - Vocemecê não se demorou demais, patroa.

NORA - Ele não deu sinal de si?

VAG. - Não se mexeu, patroa.

NORA - (PARA MIGUEL) Ergue o lençol e espregue, Miguel Dara e vais ver que te falo verdade.

MIGUEL- Não, não quero, Nora; tenho medo dos mortos.

(SENTA-SE NUM MOCHO, PERTO DA MESA, DEFRONTE DO VAGABUNDO. NORA DEPENDURA A CHALLIRA NUM DOS GANCHOS INFERIORES DA CADEIA E PÕE-LHE POR BAIXO UM MOLHO DE TURFA).

NORA - (DIRIGINDO-SE AO VAGABUNDO) Quererá você beber uma xícara de chá comigo e co'este rapaz, estrangeiro? Ou (COM UM TOM MAIS PERSUASIVO) antes quer ir estender-se um bocado na cama, ali naquele quartito? Pense que deve estar cansadíssimo, a andar toda essa caminhada debaixo de chuva.

VAGA- Vocemecê quer então que eu me vá e a deixe no meio do velório, patroa? Não, não faço isso.

(BEBE UMA GOLADA DO COPO QUE TEM JUNTO DE SI)

E também não quero o seu chá.

(CONTINUA A COSER. NORA PREPARA O CHÁ)

MIG.- (DEPOIS DE TER EXAMINADO UM MOMENTO O VAGABUNDO, COM AR DE DESPREZO) Fraco casaco tem vccemecê, valha-o Deus! E também se me afigura que o alfaiate não é melhor!

VAG- Pois se eu sou um fraco alfaiate parece-me que mais fraco pastor é o que corre para todos os lados, atrás de meia dúzia de ovelhas, como eu lhe vi fazer, a si, hoje mesmo, meu rapaz, quando você voltava da feira.

(NORA TORNA À MESA)

NORA- (PARA MIGUEL, BAIXANDO A VOZ) Não faça caso do que ele diz, Miguel Dara; bebeu uma pinga e não tardará a adormecer.

MIG- Ele não mentiu, que eu ia dando co'a cabeça em água. As minhas ovelhas eram tão teimosas que se metiam no campo de aveia de um, depois no campo de feno de outro, para logo se deixarem cair na água vermelha do pântano, a ponto de mais parecerem um bando de cabras velhas do que ovelhas. As ovelhas das montanhas são uma raça esquisita, Nora, e ainda me não habituei a elas.

NORA- (DISPONDO O QUE É PRECISO PARA O CHÁ) Ouvei dizer que não há homens como os da ravina de Malure, e mais acima, do lado de Rathvanna, ou da ravina de Imaal, para conduzirem as ovelhas das montanhas - homens como Patch Darcy (Deus tenha a alma em descanso!) que era capaz de passar por entre quinhentas ovelhas e dar pela falta de uma só que fosse, sem ter necessidade de as contar.

MIG- (MAL DISPOSTO) O homem que deu a alma a Deus, o ano passado?

NORA- Esse mesmo.

VAGAB- (EM TOM LAMENTOSO) Era um homem capaz, meu jovem - um homem capaz, digo-lho eu. Não havia anho das suas ovelhas que ele não reconhecesse antes mesmo de estar marcado - e podia correr desde aqui até à cidade de Dublin sem perder o fôlego.

NORA- (VOLTANDO-SE VIVAMENTE) É verdade, era um homem capaz, estrangeiro; e dá gosto ouvir um vivo dizer bem de um morto, para mais tratando-se de um homem que morreu sem o seu juízo perfeito.

VAGAB- O que eu digo é a pura da verdade - Deus tenha a sua alma em descanso!

(ESPETA A AGULHA SOB A GOLA DO CASACO E DISPÕE-SE A DORMIR AO CANTO DA LAREIRA. NORA SENTA-SE À MESA; ELA E MIGUEL ESTÃO DE COSTAS VOLTADAS PARA A CAMA).

MIG.- (OLHANDO-A DE MODO ESTRANHO) Ouvi dizer hoje, Nora Burke, que Patch Darcy subia e descia o caminho, lá em baixo, e que nunca passava, fosse de manhã ou de noite, sem te vir falar.

NORA- (EM VOZ BAIXA) Não é mentira o que te contaram, Miguel Dara.

MIG- Penso que deves ter conhecido muitos homens, apesar de viveres num lugar solitário...

NORA- (SERVINDO-LHE O CHÁ) É nos lugares solitários que a gente sente a necessidade de falar com alguém, e de procurar companhias quando chega a noite. E se conheci bastantes homens, eram todos uns homens perfectos, porque eu não era fácil de contentar em criança, nem mesmo quando era cachopa (COM SEVERIDADE) - E não sou fácil de contentar hoje, que sou uma mulher.

MIG- (OLHANDO PARA O OUTRO LADO, A VER SE O VAGABUNDO ESTÁ A DORMIR E DEPOIS APONTANDO O MORTO COM O DEDO).

Eras difícil de contentar no dia em que casaste com ele?

NORA- Que havia eu de fazer, para gozar uma velhice sossegada, se não casar-me com um homem que me desse uma pequena herdade, com vacas e carneiros, para além das colinas?

MIG- (REFLECTINDO) Tens razão, Nora; pode bem ser que não tivesses feito nenhuma tolice, porque o sítio, apesar de solitário, tem muito boas pastagens. Parece-me que ele deixa uma boa maquia.

NORA- (TIRANDO DA ALGIBLIRA A MEIA QUE CONTEM O DINHEIRO E PONDO-O NA MESA): Tenho dito a mim mesma, em certas noites, que apesar de tudo fui bem parva, Miguel Dara; de que serve ter uma quintarola com vacas e carneiros, para além das colinas, quando se tem de ficar sentada, a olhar por uma ponta como esta, e não se vê senão a névoa que desce sobre o pântano, e depois mais névoa que torna a subir - e não se ouvem senão as queixas do vento nas árvores que a tempestade deixou de pé, depois de lhes ter quebrado os ramos, ou o rugido das torrentes engrossadas pela chuva?

MIG- (OLHANDO-A POUCO À VONTADE)- Que tens tu esta noite, Nora Burke? Tenho ouvido dizer que é assim que falam os homens que ficaram perdidos, muito tempo, nas colinas.

NORA- (FONDO O DINHEIRO NA MESA) - Está muito mau tempo esta noite, um tempo medonho, Miguel Dara. Não será demais o que eu tenho vivido, junto destas colinas para aqui perdidas, sentada, a tratar-lhe da comida e a cozinhar para a porca que teve uma ninhada, ou a fazer um bolo quando vem a noite?

(DISPÕE, NEGLIGENTEMENTE, O DINHEIRO EM PEQUENAS PILHAS SOBRE A MESA)

Não há ainda muito tempo que eu estou sentada aqui, de verão e de inverno, e até mesmo na primavera quando o tempo é bom - no meio de crianças que se criam à minha volta, e de velhos que vão andando - e já me comparo à Mary Brien, que não era mais alta do que isto (FAZ O GESTO) quando eu já era uma raparigaça, e agora tem dois filhos e espera outro daqui a três ou quatro meses...

(CALA-SE)

MIG.- (DESLOCANDO, UMA A UMA, TRÊS DAS PILHAS DE DINHEIRO) - Temos aqui três libras, Nora Burke.

NORA- (NO MESMO TOM) - Há anos, eu queria imitar a Peggy Cavanagh, que tinha uma mão como não havia outra para mungir uma vaca brava, ou para enrolar um bolo. Agora anda ela por aí, ao Deus-dará, ou sentada numa casa velha e suja, sem um dente na boca, doidinha e tão calva como uma colina depois da queimada do tojo.

MIG- Estão aqui cinco libras e dez notas - uma boa maquia, palavra de honra!... Não falarás assim quando casares com um homem novo, Nora Burke. Na feira diziam que os meus carneiros eram os mais lindos, e vendi-os bem, porque agora já sei fazer bom negócio quando os carneiros são bonitos.

NORA- Quanto ganhaste?

MIG- Vinte libras, ao todo, Nora Burke... E agora é só esperar que ele esteja no cemitério de Sete Igrejas, e depois casas comigo na igreja de Rathvanna... Hei-de levar os carneiros até ao fim da colina que tu tens além atrás, na montanha, e não teremos mais nenhuma preocupação quando o nevoeiro descer.

NORA- (DEITANDO-LHE WHISKY) - E porque havia eu de casar contigo, Miguel Dara? Hás-de envelhecer, eu envelhecerei, e em pouco tempo, digo-te eu, estarás sentado na cama - como estava o meu homem - com um tic na cara, os dentes a cair, e os cabelos brancos arrepiados à roda da cabeça como uma moita em redor duma vala por onde saltam os carneiros.

(DAN BURKE DEITA FORA O LENÇOL E LEVANTA-SE SEM RUÍDO, LEVANDO A

MÃO À CABEÇA E SAÍDO PARA O CEMITÉRIO DE SETE IGREJAS

CONTINUA, LENTAMENTE, SEM O OUVIR) - Envelhecer é uma coisa triste; mas é, também, uma coisa singular. É uma coisa singular ver um velho simplório sentado na cama, sem um dente pr'a amostra, sempre com uma palavra dura na boca, e um queixo que podia servir para aplainar uma prancha de carvalho de que à vontade se fazia uma porta... Deus me perdoe, Miguel Dsas; havemos de envelhecer todos, mas a verdade é que é uma coisa singular...

MIG- Tu tornaste-te triste por viveres tanto tempo com um homem velho, Nora, e falas também como um pastor que saísse do nevoeiro cerrado.

(PASSA-LHE O BRAÇO EM REDOR DA CINTURA)

Mas agora vais levar uma bela vida, com um homem novo - uma bela vida, garanto-te...

DAN ESPIRRA COM VIOLENCIA. MIGUEL PROCURA ALCANÇAR A PORTA, MAS ANTES QUE POSSA ATINGI-LA, DAN, VESTIDO COM CURIOSAS ROUPAS BRANCAS, SALTA ABAIXO DA CAMA, COM O PAU NA MÃO, E VEM COLOCAR-SE CONTRA A PORTA).

MIG- Filho de Deus, valei-nos! (BENZE-SE E PARTE ÀS ARRECUAS PARA O OUTRO LADO DA CASA).

DAN- (AMEAÇANDO-O COM A MÃO) - Pois agora é que tu não casas com ela quando eu apodrecer em Sete Igrejas, e reservo-te uma prenda à minha moda que te seguirá até às profundas das montanhas quando soprar o furacão.

MIG- (A NORA) Salva-me. Nora, pelo amor de Deus! Ele obedeceu-te sempre, e tenho a certeza de que te ouvirá desta vez.

NORA- (OLHANDO PARA O VAGABUNDO) Ele está morto, ou vivo?

DAN- (VOLTANDO-SE PARA ELA) Que eu esteja morto ou vivo pouco importa; o que te digo é que a partir de agora acabou-se para ti o bom tempo, e tudo isso que dizias sobre os homens velhos e novos, e acerca do nevoeiro que sobe e desce.

(ABRE A PORTA)

Vais sair agora mesmo por esta porta, Nora Burke; e não se-
rá amanhã, nem no dia seguinte, nem noutra qualquer dia
da tua vida que tu voltarás a pôr os pés nesta casa.

VAG- (LEVANTANDO-SE) É uma coisa dura para um velho, isso que voce-
mecê diz, patrão. Que fará uma mulher como ela, se voce-
mecê a lançar à rua?

DAN- Que siga à aventura, como a Peggy Cavanagh, e peça esmola
pelas estradas ou cante para os homens. (PARA NORA) E ago-
ra sai, Nora Burke; bem depressa hás-de envelhecer, levando

essa vida, digo-te eu; bem depressa há-de perder os dentes, e a tua cabeça há-de parecer uma moita em redor duma vala por onde saltam os carneiros...

(CALA-SE, NORA OLHA PARA O LADO DE MIGUEL)

DAN- Uma mulher como ela não irá nunca para um asilo... Há-de gostar mais de seguir pelas estradas desertas e de se esconder até à hora da morte - ... até que a encontrem, estendida como um carneiro morto, coberta de geada, ou talvez cheia de aranhas entretidos a tecer as suas telas no corpo dela, no fundo dum valado...

NORA- (ENCOLERIZADA) E Nesse dia em que estado estarás tu, Dan Burke? Em que estado estarás nesse dia, estendido há tanto tempo na sepultura? Mau em vida, mau continuarás depois de morto.

(OLHA PARA ELE, UM INSTANTE, COM AR BRAVIO, DEPOIS DÁ MEIA VOLTA E RECOMEÇA A FALAR COM UM TOM QUEIXOSO).

Mas mesmo que assim deva ser, Daniel Burke, quem o poderá impedir? Vamos, volta p'rá cama, não vás agora morrer deveras com este vento no corpo e a chuva que cai; não tens quase nada em cima da pele.

DAN- Ficarias contente e feliz se eu morresse no dia em que me vejo livre de ti. (APONTANDO PARA A PORTA) Vamos, sai daqui, já te disse; e não te lumbres de passar por cá quando tiveres fome ou andares à procura de uma cama.

VAG- (APONTANDO PARA MIGUEL COM O DEDO) Talvez ele queira tomar conta dela...

NORA- Que havia ele de fazer de mim agora?

VAGAB- Podia dar-vos metade duma cama seca, e qualquer coisa boa para enganar a fome.

DAN- Você toma-o por um imbecil, estrangeiro; ou é você que é imbecil de nascença? Que ela saia daqui; e você, estrangeiro, saia com ela - por muito que chova... Você, na verdade, tem uma grande cantiga.

VAGAB- (INDO BUSCAR NORA) Pois bem, partamos, patroa; a chuva cai, mas o ar é ameno e pode ser que a manhã que vem seja bela, se Deus quiser.

NORA- Para que me servem as manhãs bonitas, nesta situação, quando vou ao encontro da morte a caminhar por essas estradas?

VAGAB- Não é na minha companhia que topará co'a morte, patroa; eu conheço todos os meios de encontrar qualquer coisa para

trincar,.. Partamos agora, digo-lho eu; e quando sentir o frio, ou a geada, ou a chuva, ou quando o sol vier, ou o vento do sul que sopra nas ravinas, vocemecê não há-de ficar sentada à beira dum fosso húmido , como tem estado sentada aqui, a envelhecer, vendo passar os dias. Algumas vezes dirá: "Que bela noite! Deus seja louvado!"; e outras: "A noite está muito má; Deus nos acuda; mas isto passa, com certeza", Vocemecê há-de dizer...

DAN- (INDO PARA ELE E GRITANDO COM IMPACIÊNCIA) Ponha-se a andar, já lhe disse; vá lá dizer as suas lérias p'ra longe, na ravina.

(NORA METE ALGUNS OBJECTOS NO SEU XAILE)

VAG- (NO LIMIAR) Vamos, venha comigo, patroa; que não será apenas as minhas lérias que há-de ouvir.. Ouvirá também o grito das garças por cima dos lagos sombrios; ouvirá os galos da charneca e também os mochos, as cotovias e os tordos roliços quando estiver calor. E não serão eles que lhe dirão que vocemecê vai envelhecer como Peggy Cavanagh, e perder os cabelos e o brilho dos olhos; não - vocemecê há-de ouvir lindas canções ao raiar do sol, e não terá ali um velhote asmático a soprar-lhe às orelhas como um carneiro doente.

NORA- Quer-me parecer que quem vai ficar asmática sou eu, a dormir ao relento nas noites frias; mas vocemecê fala bem, estrangeiro, e é consigo que eu vou.

(DIRIGE-SE PARA A PORTA E DEPOIS VOLTA-SE PARA DAN)

Pensas que fizeste uma linda coisa, fingindo de morto, e afinal... Como poderia uma mulher viver num lugar solitário como este, sem dar um pouco de conversa aos homens que passam? E como vais tu viver, daqui em diante, sem ninguém que trate de ti? Não terás senão dias maus à tua frente. Daniel Burke; e - sou eu que to digo - não há-de tardar muito que não estejas estendido debaixo desse lençol, mas bem morto desta vez!

(SAI COM O VAGABUNDO. MIGUEL PROCURA FURTIVAMENTE SEGUI-LOS, MAS DAN FÁ-LO PARAR)

DAN- Senta-te e prova esse whisky, Miguel Dara. Tenho a garganta seca como um pau, e a noite ainda está no começo.

MIGUEL- (VOLTANDO À MESA) E eu também tenho as goelas secas, acredite, depois do susto mortal que vocemecê me pregou - e de ter vindo com as ovelhas, das montanhas, desde o romper do

dia.

DAN- (LARGANDO O PAU) Tinha a ideia de te bater, Miguel Dara;mas tu és um rapaz sossegado, benza-te Deus, e nem isso mereces.

(ENCHE DOIS COPOS DE WHISKY E DÁ UM A MIGUEL)

DAN- À tua saúde, Miguel!

MIGUEL- Deus lho pague, Daniel Burke; e oxalá vocemecê tenha uma longa vida, em paz e com boa saúde.

F I M

